



**OUELLET, Pierre.  
Trombes. Noroît, 2009**

Kelley Duarte

Já é do conhecimento de quebequenses, canadenses, quebecistas e canadianistas que Pierre Ouellet é um grande nome da literatura francófona do Canadá. Romancista e ensaísta consagrado, premiado em festivais internacionais de poesia e na academia por obras como o romance *Légende dorée* (1997) e os ensaios *À force de voir. Histoire de regards* (2005) e *Hors-temps. Poétique de la Posthistoire* (2008). Pesquisador e coordenador do grupo em Esthétique et poétique, professor atuante na Universidade do Quebec em Montreal (UQAM) e diretor da coleção literária “Le soi et l’autre”, P. Ouellet,

antes de mais nada, é artista; um poeta em primeira instância.

Com a coletânea de poemas *Trombes*, e para a alegria do público leitor e admirador de sua arte literária, ele vai fertilizar o campo da poesia produzida no Quebec. Felizmente, essa produção não ficou limitada apenas aos brasileiros que se interessam pelos estudos do Canadá. No final de 2009, ano de publicação dessa obra, P. Ouellet foi convidado a participar da V Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas (FLIPORTO), ocasião em que dialogou sobre literatura, contou um pouco sobre sua trajetória intelectual, e falou da construção dessa belíssima coletânea.

P. Ouellet é fortemente inspirado pelos anseios contemporâneos, pela confluência ou exílio de identidades pós-modernas, pela multiplicidade da língua – língua falada, linguagem poética –, pelas interculturais ou transculturais, pelos conflitos entre sagrado e profano inerentes ao homem. Ele conduz seu leitor a ir além do horizonte do real, a ultrapassar os limites do dito em busca do não-dito, a transpor a matéria humana pela liberação daquilo que instaurou como sendo o “espírito migrante”.

*Trombes* [Trombas], como denominou essa reunião de poemas, é a manifestação da voz poética. Uma voz incontrolável que, para o poeta, se manifesta como a força de trombas d’água e com uma intensidade (sobre) natural, involuntária da natureza. A imagem utilizada na capa dessa obra

ilustra bem a intencionalidade do autor. Trata-se de uma cachoeira, a força mais expressiva da água, criação mais sublime para a manifestação desse elemento. Essa mesma força, que inunda o mundo e o (pre)enche de água, faz também emergir palavras incontroláveis como se fossem impulsionadas e arrastadas por um grande dilúvio, ou melhor, um transbordamento. Por isso, a primeira parte da coletânea é intitulada “Les dons des langues”. Nela é a língua que se torna a manifestação de um não-sentido, a expressão incompreensível do homem diante do mundo: “la langue de l’homme et la langue / de dieu dans le même / baiser sur la bouche sans fond d’un monde in- / versé où c’est la chair qui de- / vient verbe dans l’été a- / vancé: des par- / fums rares d’inouïes saveurs [...] / l’embrasse- / ment lent de ta / vie d’homme et de la mort / des dieux tel un / mot un qui meurt sur / tes lèvres donne l’air donne l’heure / à ceux qui passent par la / bouche muette des choses pour aller où / s’aimer se taire ferait un monde une terre une vie à deux” (p.15).

A separação das palavras que rompe com a métrica e o uso da técnica poética do *enjambement* modificam conscientemente a sonoridade do poema recitado e confirmam a semelhança dos jatos, jorros d’água com o surgimento desmedido das palavras. Aqui, o poeta deixa claro o apagamento de hierarquias entre homem natureza e Deus. A aparente profanação da grafia de “deus” em letra minúscula serve para mostrar que essa

divindade ou manifestação *sobrenatural* é parte de um mesmo universo ou de uma universalidade de um mundo inverso criado pela força da palavra poética.

“Ahan” é o nome dado ao segundo momento da coletânea. A palavra que intitula esse capítulo é dicionarizada como sendo a descrição do som emitido mediante um esforço físico, um forte suspiro que revela cansaço ou dor. Nessa aplicação, ahan pode manifestar o grande esforço do nascimento da palavra pela escrita do poeta, ou ainda o próprio esforço desse artista que se revela intermediário de uma desconhecida manifestação divina; um dom ou um fardo; a voz estranha ou estrangeira da criação, reveladora tanto do bem quanto do mal. É a realidade em suas múltiplas faces: “j’écris par in- / jection létale de sens né- / gatif dans votre sang re- / tourné vers / par vers veine / par veine et ça vous dit / le nom de dieu à / chaque goutte dans une langue é- / trangère: dieu dans / son sang se pro- / nonce ah dans des / ahans qui bêlent / hèlent et / t’appellent” (p. 60).

“Petites trombes d’air dans la morgue des prés” é o título para o terceiro capítulo dessa coletânea. Aqui, vida e morte, existência e ausência fazem parte de um mundo sem regras, sem um único Deus, porém *deuses* que se diferenciam do homem apenas por sua imortalidade; separam-se um do outro pelos espaços dicotômicos céu e terra, mas são representados em um interstício

que os une: o poema.

Nesse mundo representado no poema, homem e natureza manifestam a mesma força ou a mesma fraqueza; a mesma existência e efemeridade. Junto a esses elementos, associam-se o vazio da memória e o vazio do instante, a vida esvaziada pelo seu transbordamento poético: “les / check-points entre la vie / et la mort prennent les di- / mensions d’un ciel sans / limite en- // vahi par les / frontières entre dieux et / mortels: [...] / [...] la pro- / gression du temps vers l’éter- / nité: l’homme ex- // filter vers l’é- / loigné les dieux in- / filtrés soir et / matin par leur seul / prochain: le vide // gagne du / terrain la vie é- / vacuée par les / trop-plein” (p. 142).

No quarto capítulo, “Canon, tables, édits et autres ordonnances”, o poema aparece como manifestação do delírio, do sonho enquanto fuga do real. Homens e mulheres, fantasmas e/ou sonâmbulos da realidade, são nele descritos. A manifestação poética, por sua vez, trava uma batalha contra o inimigo íntimo de cada um: o silêncio. O poema tem como armas a voz e a língua. São elas que auxiliam na revelação dos segredos do mundo: “I // le poème venge / le monde du silence in- / quiétant où hommes / et femmes le gardent en / parlant // II // il fait entendre l’im- / parlé l’im- / pensé du monde comme un / silence encore / plus grand [...]” (p.166).

No último capítulo, “Et vos vivants envieront vos morts”, o poeta

apresenta uma subdivisão em três momentos, sendo eles “vivre”, “envier” e “mourir”. No primeiro, a vida é apresentada como um quase tormento por resumir-se em existir em um mundo sem sentido, onde as coisas estão deslocadas e no qual o homem não tem mais lugar. Nesse mundo de sonhadores e sonâmbulos, o homem é um errante solitário sem *deuses*, perseguido pela lembrança de um *deus* que um dia existiu e que um dia tanto se amou.

Diante dessa extrema ausência ou perda de sentido, o poeta surge como intermediário entre *deus* e homem; é o tradutor das línguas divinas no poema, servindo para estabelecer um equilíbrio e, também, acordar os que estão adormecidos. O poema, por sua vez, é o portador do sentido do mundo; um poema-oração ou ainda a voz calada de um *deus* que já se encontra inexpressivo: “j’écris aux hommes de la part d’un dieu anal- / phabète et je le fais / parler dans une langue in- / ventée sur la bouche d’une femme que j’ai em- / brassée en rêve pour ré- / veiller en elle ses vœux les plus secrets je parle en langues / cryptées pour qu’on ne me com- / prenne pas avec sa / seule tête mais a- / avec ça le cœur le grand / polype l’hydre à / cent têtes et j’es- / pionne l’homme en é- / coutant aux portes du ciel qu’il claque sur son / passé pour s’en- / fermer avec son ombre et com- / ploter contre le monde entier” (p.188).

“Envier”, o segundo momento

desse capítulo final revela o homem em crise diante do que restou de sua humanidade; um resquício de humanidade compartilhada com *deus* e pertencente à vida transformada em abismo. Aqui, esse elemento da natureza representa o vazio de uma existência que só encontra consolo no poema. Sentimentos como desejo e inveja resumem o querer pertencer ao mundo dos mortos. São sentimentos manifestados através da voz do poeta, figura onipresente nessa existência e força maior que se expressa no dom da palavra. “le lit où tu dors n’existe que dans / les cieux les trot- / toirs vides que les / anges bordent leurs draps de soie tous bro- / dés d’or couvrent ton corps leurs doigts de fée / courent dans / tes cheveux qu’ils dénouent mèche / par mèche l’histoire est ter- / minée son drap s’est dé- / chiré on a / perdu le der- / nier fil qui pourrait tout / renouer” (p. 201). Fio da vida ou fio do passado que pode representar o próprio *Deus* perdido em sua divindade, ausente em sua manifestação de poder sobre os homens. No início desse último capítulo, o escritor apresenta uma citação de *Le grand passage*, obra do escritor McCarthy Cormac, traduzida para o francês por François Hirsch em 1997. Nela, *Deus* aparece como um tecelão do mundo e no meio dessa tapeçaria, que era feita e desfeita a cada dia, havia um fio e esse fio era o próprio *Deus*.

O último momento, “mourir”, dedica-se à passagem da vida para a morte; travessia do homem e também do

poeta que o acompanha. Nessa partida, carregando o peso das palavras, almeja-se chegar a uma nova vida, a um mundo que o poeta desenha através de seu poema: “Je me repens de / mes morts dans chaque / mot que je laisse sur / la table pour dire en ca- / resses d’air en frô- / lements de sens que je pars chaque / matin pour une nou- / velle vie je prends la route des / morts où / j’habite au cours de / ces heures passées au- / près de toi à te conter une / par une leurs histoires in- / finies [...]” (p.224). Certamente, pelo fato de o poema descrever a passagem da vida à morte, as epígrafes escolhidas para a abertura de cada capítulo foram extraídas da obra de McCarthy.

P. Ouellet encerra sua coletânea da mesma forma que a iniciou: com uma tromba d’água. Na última página, o leitor encontra a mesma imagem que ilustra a capa, acompanhada, desta vez, de mais um excerto de *Le grand passage*. O fragmento selecionado pode ser interpretado como uma conclusão ou solução para o grande conflito entre as dicotomias vida e morte, presença e ausência, expressas na criação poética do autor. No fragmento de McCarthy, e para encerrar com o impacto da força da água, lê-se que o homem está sempre em companhia dos mortos, pois ambos compartilham de um mesmo mundo, um mundo eterno preenchido de coisas eternas. Eternas como o poema.